

PRAÇA SÃO FRANCISCO EM SÃO CRISTÓVÃO-SERGIPE: ESPAÇO DE HISTÓRIA, MEMÓRIA E TURISMO¹

Ivan Rêgo Aragão²

Mestrando em Cultura e Turismo pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC)

E-mail: ivan_rego_aragao@yahoo.com.br

Palavras-chave: São Cristóvão. Praça São Francisco. Turismo. UNESCO.

1. Introdução

A atividade turística juntamente com os atores sociais está cada vez mais preocupada em um melhor desenvolvimento das localidades onde se encontram os sítios naturais e culturais. A mesma vem buscando evidenciar, os aspectos relevantes que identifiquem àquele lugar e sua população, a partir do seu processo histórico e da sua formação urbana. Concomitante a esse fato, o Ministério do Turismo tem procurado incentivar a segmentação turística como forma de auxiliar a atividade, objetivando um melhor planejamento e gestão, bem como, atingir o mercado de forma mais eficiente. O segmento do turismo cultural está em alta, visto que, é dada cada vez mais destaque, a preservação dos sítios de valor sociocultural a nível universal como forma de resgatar a identidade nacional.

Mas para isso é necessário ouvir os anseios da população onde o mesmo está localizado, visto que, antes de serem patrimônio da humanidade, esses lugares precisam estar conectados com as pessoas do seu entorno. Trazendo possibilidades de desenvolvimento social e cultural, de manutenção da memória e no regate da autoestima dos autóctones. E não como algo que traga mais atraso, exploração turística e perda da identidade.

A Praça São Francisco, espaço urbano de referencia para a cidade de São Cristóvão no Estado de Sergipe, está inserida no centro histórico. O local e todo o aglomerado arquitetônico que o cerca, reivindica junto a UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - o selo para tornar-se patrimônio cultural em nível global. Tendo como influência a colonização de Portugal e Espanha, é perceptível o dominante gosto

¹ Parte do assunto do presente artigo está inserido na monografia de conclusão de curso de Turismo com o apoio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC. Ver: ARAGÃO, Ivan Rêgo. *Cultura, Identidade e Memória: uma análise da relação do turismo com o patrimônio arquitetônico na cidade histórica de São Cristóvão/SE*. 2009. Trabalho de conclusão de curso (Turismo) - Faculdade de Sergipe, Aracaju, 2009.

² Bolsista da CAPES.

ibérico no plano urbano da cidade e nas suas construções coloniais. Seja no campo arquitetônico, no traçado da cidade, na religiosidade, nos costumes, dentre outros fatores, é possível perceber a cultura da península espanhola.

Nesta pesquisa, o turismo é focado enquanto atividade sociocultural que envolve o deslocamento de pessoas. O mesmo, sendo feito de forma sustentável - pensando nas futuras gerações - se constitui em um dos caminhos para o resgate e manutenção das atividades cotidianas do lugar, e também, de valores culturais ameaçados de esquecimento. Assim, os objetivos do presente trabalho são analisar o convívio dos permanentes com o patrimônio imóvel da Praça São Francisco; Investigar como o patrimônio em “pedra e cal” auxilia na construção da identidade local e perceber de que forma os turistas apreciam o patrimônio edificado da praça.

Esse trabalho tem o caráter exploratório, com a utilização do método dedutivo. Após a pesquisa bibliográfica, foi feita observação *in loco*, e realizada aplicação de questionário semiestruturado (com perguntas abertas, semiabertas e fechadas) no entorno do local estudado, com os moradores e visitantes. Os questionários foram aplicados no espaço de relevância turística (Centro Histórico). A faixa etária definida consistiu no intervalo de pessoas entre 15 e 75 anos, de qualquer classe social. Ou seja, uma amostra não probabilística e aleatória. Na tabulação e averiguação dos dados coletados foi desenvolvida uma análise qualitativa e quantitativa, buscando assim as variantes na relação dos agentes sociais - morador e turista - com o patrimônio arquitetônico e o espaço da praça. E por último, a tabulação dos dados dos questionários.

Ao final, o estudo mostra que o turismo pode auxiliar no desenvolvimento socioeconômico da comunidade receptora, na sensibilização da população quanto à preservação e importância do patrimônio cultural, memória social e manutenção da tradição local.

2. História, Formação Urbana e Praça São Francisco

O núcleo urbano de São Cristóvão está localizado há 26 km da capital Aracaju na região nordeste do Brasil. Por já ser criada com o *status* de cidade, ela é considerada a quarta urbe mais antiga do Brasil, ficando respectivamente atrás de Salvador, Rio de Janeiro e João

Pessoa (antiga Filipéia). De acordo com Nunes (2007),³ os primeiros habitantes a se fixarem em Sergipe, além dos indígenas que já se encontravam, foram os padres jesuítas.

Através da catequização, o padre Gaspar Lourenço e o irmão João Salônio fundaram as missões de São Tomé e a primeira escola sergipana que se tem notícia, denominada de Santo Inácio. Após este fato, “animados pelo desejo de trazer gentio para o cativo” (ACCIOLI et al, 1916, apud NUNES, 2007), um grupo, liderado pelo Governador-Geral Luís de Brito, “uns por terra, outros por mar”, chega às missões, aterrorizando e afugentando muitos indígenas com medo de serem capturados. Ainda segundo a autora, “Luís de Brito retirou-se do território sergipano sem deixar qualquer marca da colonização. Logo os franceses retomaram ao comércio do pau-brasil, aliados aos indígenas que voltavam dos sertões” (NUNES, 2007, p. 5).

Preocupados em ocupar o território brasileiro, evitar os contrabandos, estimular a mão-de-obra barata dos indígenas e incentivar a produção agrária, em foi em 1590, com “expressivo aparato bélico” e 3.000 soldados, que Cristóvão de Barros ocupa o território e para assegurar a conquista, funda a cidade de São Cristóvão (NUNES, 2007). O rei de Portugal, Felipe II, doa as terras a Cristóvão de Barros, com a condição que ele repartisse com outros colonos por um período de tempo fixado pela Coroa.

São Cristóvão desenvolveu-se como núcleo urbano, à medida que a região progredia na produção de açúcar com engenhos espalhados por todo o território. Conforme Nunes (2007), a cidade foi sede da Província até 17 de Março de 1855, quando a capital é transferida para o povoado de Santo Antonio do Aracaju. Sob muitos protestos, os habitantes de São Cristóvão não aceitaram a medida do Dr. Inácio Barbosa, então Presidente da Província.

Na arquitetura, destaca-se o conjunto colonial da Praça São Francisco e o da Praça Senhor dos Passos (antigo Largo do Carmo). Ainda existem espalhados pelo centro da cidade, algumas igrejas e casarios. Galvão Junior (2007) faz uma análise da Praça São Francisco, que passa pelo processo de estudo junto a UNESCO para se tornar Patrimônio Cultural da Humanidade. Em seu texto ele comenta que:

A Praça integra o conjunto histórico, urbanístico e arquitetônico de São Cristóvão ao agregar-se ao casario e outros monumentos sobre o traçado urbano acumulado desde sua origem, e, assim, pode ser descrita como sítio urbano integrante e representativo do processo cultural composto nos

³ No dossiê enviado à UNESCO, foram anexados artigos de sete autores: Aglaé D’Ávila Fontes, Luis Fernando Ribeiro Soutelo, Maria Thétis Nunes, José Lima Galvão Junior, Augusto Silva Telles, José Thiago da Silva Filho e Edinaldo Batista dos Santos.

diversos períodos históricos da vida local e da região nordeste brasileira [...] (GALVÃO JÚNIOR, 2007, p. 2).

Com influência das cidades ibéricas, São Cristóvão tinha no início da sua formação como os espaços principais, o Largo da Matriz, a Câmara (poder religioso e político) e o porto. Galvão Júnior (2007), também discute em texto do dossiê sobre os espaços de poder na formação das cidades na colonização de Portugal e Espanha comentando que,

[...] a organização dos estados ibéricos tinha uma característica determinante para a colonização: o poder laico dos reis imbricava em suas cortes o poder divino. A religião provinha o poder real de valores imateriais, como forma de sustentação e auto-preservação. Por outro lado, os valores materiais eram distribuídos sobre bases milenares de ocupação territorial, em suas marchas, contramarchas de ocupações, guerras, domínios, etc (GALVÃO JUNIOR, 2007, p. 8).

Para Telles (2007), a chegada a São Cristóvão das Ordens Religiosas é que serão definidos os elementos formadores de sua trama urbana”. Com a edificação das igrejas conventuais, criam-se espaços públicos sociais, diretamente ligados a estas construções. Locais de convivência dos habitantes da cidade. Nesse contexto, o autor acima citado ainda comenta sobre as três principais praças que estão dentro do sítio histórico na parte alta da cidade. Telles ainda descreve a Praça Getúlio Vargas (antiga Praça da Matriz), como um espaço amplo e que se encontra à frente da Igreja Matriz Nossa Senhora da Vitória. Esta faz ligação com a cidade baixa, através de duas ladeiras principais e que, junto com a Praça Senhor dos Passos (antigo Largo do Carmo) e a Praça São Francisco, formam “o núcleo histórico central da cidade alta (TELLES, 2007, p. 9).

De acordo com Silva Filho (2007), a Praça São Francisco desde que foi construída, tornando-se espaço público, foi no passado e ainda é o principal lugar, palco das mais variadas festas. As comemorações religiosas, através do convento de São Francisco, da Ordem Carmelita e “religiosos de tantas irmandades católicas”, com as quermesses, missas campais e procissões fazem desse espaço, manifestação de fé e devoção da religião cristã.

Ainda segundo Silva Filho (2007), também têm espaço na praça os festejos profanos como o carnaval, o São João, a Cidade da Seresta e o Festival de Arte de São Cristóvão. Conforme este autor, [...] “nela se concentram os respectivos brincantes do frevo, do forró, da boemia e da cultura popular. O patrimônio imaterial ganha relevo nessa praça” (SILVA FILHO, 2007, p. 3).

A primeira edificação do quadrilátero em questão foi a igreja e o convento de Santa Cruz, fundado em 1657 e mais conhecido como convento São Francisco - no local que está até os dias atuais - junto com a capela da Ordem 3ª da Irmandade, a Santa Casa de Misericórdia e o Palácio dos Governadores. A partir daí:

A Praça São Francisco apossou-se solenemente da hegemonia referencial para os sergipanos, ao mesmo tempo em que relativizou e distribuiu essa escala de importância entre os três vértices do triângulo formado pelo Convento de S. Francisco, o do Carmo e pela Matriz, coadjuvados pelas demais obras civis, religiosas e, por fim, pelo próprio conjunto urbano (GALVÃO JUNIOR, 2007, p. 19).

Sobre o perímetro da Praça São Francisco, Telles (2007) ressalta a importância do espaço valorizado pelo seu tamanho e amplitude, pelo conjunto arquitetônico que ela abriga e o valor sociocultural para a cidade. Neste lugar, localiza-se um cruzeiro, segundo ele, “comum nos conjuntos franciscanos, constituído por uma cruz assente em pedestal formado por sucessão de superfícies curvas, tudo de calcário”. O autor finaliza seu texto comentando que a Praça São Francisco tem “valor em nível mundial”. Foi no passado espaço de destaque para o núcleo urbano de São Cristóvão e do nordeste do Brasil.

No estudo enviado a UNESCO, Telles (2007) comenta sobre a originalidade construtiva do convento que está inserido na praça e o classifica como singular no campo da arte e arquitetura barroca. E justifica sua reflexão, citando o estudioso da História da Arte e ex-curador do Museu do Louvre em Paris, Germain Bazin, quando esteve em visita a cidade. Para Bazin (1956) apud Telles (2007), o convento de Santa Cruz é uma “cette oeuvre, d’esprit baroque, tranche avec le classicisme voulu des autres cloîtres; elle correspond à ce goût d’ornamentation sculptée qui caractérise la région du Sergipe où l’on disposait de beaux matériaux calcaires”.⁴ Corroborando com o autor, Carvalho (1989, p. 29), diz que o trabalho do claustro em cantaria desta construção “é considerado único em conventos franciscanos do Brasil”, como também é único no nordeste do Brasil, “o sistema de sustentação em pilares verticais isolados e não em colunas”. Essa idéia ainda é confirmada por Telles (2007), quando ele comenta que:

O claustro, o modelo franciscano de duplo avarandado, é, no entanto, uma peça excepcional e única, por quanto às colunas que se repetem em todos os

⁴ Tradução: “Obra de espírito barroco ressalta o classicismo desejado dos outros claustros, ele corresponde ao gosto de ornamentação esculpida, que caracteriza a região de Sergipe, onde dispunha ótimos materiais calcários”.

demais conventos, aqui são substituídos por pilastras de seção quadrada com as arestas chanfradas, as quais, no térreo, dão apoio a uma seqüência de arcadas e, no segundo piso, diretamente aos beirais das telhas (TELLES, 2007, p. 11).

Soutelo (2007) informa que a autorização para a construção da igreja e convento franciscano data do século XVII, mas precisamente em 10 de setembro de 1657, quando o Governador Geral do Brasil, Francisco Barreto, autorizou a empreitada da igreja conventual em São Cristóvão. Mas que somente, no ano de 1693, é que se iniciou a edificação do monumento, se prolongando até o século seguinte. O autor citado ainda descreve a igreja do convento como um modelo que “acompanha as demais igrejas franciscanas do nordeste”, tem nave⁵ única, corredores laterais dirigidos à capela-mor e fazendo ligação do claustro a sacristia.

Sobre a capela da Ordem Terceira de São Francisco - atual Museu de Arte Sacra - Soutelo (2007, p. 9) diz que a “sua posição é única, difere das capelas das demais Ordens Terceiras devidas aos franciscanos existentes nas diversas regiões do país, em especial no nordeste. Nestas, a capela é sempre paralela às demais parte do conjunto arquitetônico”. A construção religiosa possui na entrada um portal de pedra, coroado com o brasão da Ordem, junto com ele, símbolos do império de D. Pedro I, como os ramos de fumo, café e coroa. Nesta mesma capela, encontra-se também um cemitério, contendo túmulos e ossários. Neste cômodo, é possível também visualizar uma grande arca de madeira, denominada de arcaz, que era comum em sacristias de das igrejas coloniais. No andar superior, a construção abriga três salões. Soutelo (2007, p. 10) diz que, “as janelas dessa parte do convento têm sacada com balaústres de bolachas torcidas”.

De acordo com Carvalho (1989), a antiga Santa Casa e Igreja da Misericórdia foi uma doação à Irmandade da Misericórdia em 1608. O antigo conjunto da Santa Casa é uma construção do século XVIII. Conforme a autora (CARVALHO, 1989, p. 34), a sua torre sineira faz ligação com o antigo hospital, “com equilíbrio e riqueza de estilo”. No seu frontispício⁶ destaque para a portada da capela em cantaria e das janelas do antigo hospital com “coroamento” em pedra calcária.

Segundo Bazin (1956, p. 178), “a porta é decorada com ornamentos esculpidos em pedra calcária de estilo Dona Maria, semelhante aos que ornaram as portas e janelas de São

⁵ Termo referente à ala central de uma igreja ou catedral onde se reúnem os fiéis de modo a assistirem ao serviço religioso.

⁶ Constitui os elementos que enquadram e decoram a porta central ou principal de um edifício.

Gonçalo de Penedo (Alagoas)”. O altar-mor em estilo neoclássico⁷ contém painel retratando a cena “da visitação”, de autoria de José Teófilo de Jesus, mesmo autor da pintura do forro do teto da igreja matriz do município de Divina Pastora/SE. Carvalho (1989, p. 34), informa que o púlpito tem “estilo barroco com talha esculpida pintada” e o lavabo é confeccionado em pedra calcária.

Para Soutelo (2007), a unidade arquitetônica aliada aos elementos artísticos, faz do conjunto franciscano uma das mais significativas manifestações da arte colonial no Estado de Sergipe.

3. Pesquisa de Campo: Análise

Com o objetivo de entender a dinâmica do turismo em São Cristóvão, se desenvolveu um trabalho de pesquisa dentro do centro histórico com os residentes e visitantes. Foram aplicados questionários nos períodos das festas da Semana Santa, Senhor dos Passos e do carnaval e no período de maior fluxo turístico, a estação verão. Nestas visitas *in loco* foram procedidas observação direta, entrevistas com alguns moradores, turistas e aplicação de questionários semiestruturados (com perguntas abertas, semiabertas e fechadas). O método de análise utilizado foi o qualitativo e quantitativo, extraindo ao máximo as respostas das pessoas abordadas. Foram 100 questionários, 50 para os moradores e 50 para os visitantes. A faixa etária escolhida foi dos 15 aos 75 anos, de qualquer condição socioeconômica e nível de escolaridade.

A pesquisa de campo buscou perceber a relação da comunidade local com os visitantes, e nesse sentido, foi perguntado ao morador que supondo que o turista pudesse conhecer apenas um museu, qual ele indicaria. Dentro do universo da amostra, 67% indicariam o Museu de Arte Sacra, 22% o Museu Histórico de Sergipe, 11% indicaria todos os museus e ninguém indicou o Museu dos Ex-votos. Nas justificativas 37% da amostra de moradores indicam os museus pela beleza das peças, 24% pela riqueza do acervo, 13% porque mostra a vida de Cristo e a história do Estado. Essa mesma porcentagem (13%) indicou por ser local de trabalho.

Foi questionado também que se caso o turista pudesse visitar apenas uma igreja, qual o morador indicaria como melhor opção de visita. As respostas foram as seguintes: 40% dos

⁷ Retorno aos estilos greco-romano e renascentista.

entrevistados indicaram a Igreja Nossa Senhora da Vitória, 30% a Igreja de São Francisco, 20% a Igreja da Ordem 2ª de Nossa Senhora do Carmo e 10% indicaria todas as igrejas.

Dando seguimento ao trabalho de campo, foi perguntado ao morador o porquê da indicação. Para a maioria dos moradores que preencheram o questionário (37%), a justificativa foi pela beleza das igrejas, 13% pela tradição e por ter acervo de ex-votos (o Museu dos Ex-votos fica dentro da Igreja da Ordem 2ª do Carmo numa sala anexa) e 12% indicaria pela riqueza de detalhes e, também, porque mostra a arte barroca.

Dentro da pesquisa foram percebidas algumas variantes: a que nem sempre os museus e igrejas estão abertos à visitação, onde muitas das vezes o turista apenas conhece a arquitetura externa do monumento. De acordo com as datas festivas é mais fácil para o visitante encontrar as construções disponíveis para serem conhecidas internamente com a sua imaginária religiosa, acervo próprio e arte aplicada. Foi constatado também que ambos, morador e turista, percebem como pouca ou nenhuma infraestrutura turística da cidade.

Propõem-se campanhas para abertura das igrejas e museus em horários determinados, e estímulo conjunto das autoridades responsáveis e população local na proteção e salvaguarda do patrimônio local. Inserção da educação patrimonial no currículo das escolas desde o ensino fundamental, entendendo que o Patrimônio Histórico de uma cidade é algo que pertence a todos e, portanto, necessita ser conhecido, admirado e protegido.

Interessado em entender qual imagem na visão do residente é a mais marcante, foi perguntado ao morador de qual museu, igreja ou sobrado ele faria um cartão postal de São Cristóvão. O resultado da pesquisa foi o seguinte: para 44% das pessoas que responderam ao questionário seria a arquitetura antiga do conjunto da Praça São Francisco. Equilibrados com 14% estão o prédio do Museu Histórico de Sergipe, a Igreja Matriz da Nossa Senhora da Vitória, o belo altar da Igreja de São Francisco e a foto aérea do Centro Histórico.

Ficou perceptível que a campanha da Praça São Francisco a Patrimônio Cultural da Humanidade solicitada junto a UNESCO interferiu nas respostas, visto que a partir disso, esse espaço que já era relevante para a população local, na percepção destes, tornou-se importante também para quem visita a cidade.

Sobre a representatividade do patrimônio local, foi perguntado ao turista qual o símbolo que mais representa São Cristóvão. As respostas foram as seguintes: com 30% ficou a imagem do Senhor dos Passos, com 20% o passado histórico, empatadas com 10% cada uma, todas as outras cinco respostas. As igrejas, o Cristo Redentor, a imagem de primeira capital de Sergipe, a arquitetura barroca da cidade e as imagens talhadas no interior das igrejas.

Como era de se esperar, os símbolos da cidade de São Cristóvão em sua maioria, estão diretamente ligados à arte colonial do Brasil. Estes ícones do barroco atraem pessoas para conhecer as formas artísticas empregadas pelos autores da época em que foram construídos. Nesse sentido o turismo também auxilia em perpetuar a memória dos artistas e artífices.

Na pesquisa de campo, foi também questionado ao turista qual a imagem que vai ficar da visita à cidade. Para 28% da amostra será a Procissão de Nosso Senhor dos Passos,⁸ empatas com 18% cada, a idéia de continuidade e de preservação histórica, o Barroco e que ainda falta algo para a cidade explorar o turismo, para 9% ficará a imagem dos sinos nas igrejas e a devoção popular.

Conclui-se que o patrimônio arquitetônico é algo que marca a visita do turista que vem conhecer a cidade. Nas duas últimas perguntas das treze respostas, seis estão ligadas aspectos construtivos de São Cristóvão. E se esta arquitetura evidenciar estilos históricos e artísticos de uma época, como o barroco, a percepção de quem chega para interagir com o lugar é ainda maior. Mesmo que os elementos construtivos em pedra e cal não façam parte da chamada “cultura viva”, por serem fixos e estarem constantemente visíveis, eles são um dos principais responsáveis em definir para a população flutuante as imagens que marcam a cidade.

4. Considerações Finais

A possibilidade da chancela junto à UNESCO fez renascer nos atores sociais envolvidos com São Cristóvão, diversas opções de se divulgar os bens culturais da cidade. Como a criação de parcerias com outros programas para desenvolver alguns projetos visando a melhoria do município. Dentre eles, o Monumenta, que promoveu e financiou a restauração de várias construções históricas e casarios particulares, com destaque para o conjunto arquitetônico da Praça São Francisco.

Em 2007, a Praça São Francisco ganhou o prêmio do Guia Quatro Rodas, como o melhor projeto na categoria “Restauração”. Nesse mesmo ano, o seu Centro Histórico, disputou junto com outros 29 monumentos e cidades do país, as “Sete Maravilhas do Brasil”. Além do projeto de restauração de alguns edifícios públicos, religiosos e algumas residências particulares, o programa Monumenta em parceria com os governos nas três instâncias, também retirou do centro histórico, postes, fios elétricos e telefônicos aéreos, para serem

⁸ Alguns dos entrevistados tinham vindo à cidade exclusivamente para a festa de Nosso Senhor dos Passos.

substituídos por uma rede subterrânea. Essa iniciativa tem por finalidade, “despoluir” visualmente a área que pretende se tornar Patrimônio da Humanidade.

Além destas ações, outras foram implantadas na cidade com a participação da população local, como campanhas de despoluição do rio Paramopama e de educação patrimonial nas escolas e o projeto “música na igreja”. Iniciativa da Subsecretaria do Patrimônio Cultural - Subpac, que está levando música clássica e medieval para concertos dentro das igrejas da cidade, a fim de trazer a população local e o visitante para dentro dos monumentos, e assim, sensibilizar as pessoas sobre a importância do patrimônio edificado.

O trabalho de campo realizado no centro histórico percebeu as ações em prol da candidatura a patrimônio mundial reivindicada pela praça: local que atualmente recebe todas as atenções como lugar de memória e patrimônio não só dos são cristóvenses, mas como “berço da cultura sergipana”. O estudo também constatou as diferentes visões da comunidade residente e flutuante sobre os bens culturais da cidade.

Na pesquisa, foi fundamental entender o processo de formação da cidade até a sua concretização como atração turística e, também, a relação da tríade patrimônio, morador e visitante. E, verificar como os aspectos singulares da praça, além de serem elementos de beleza artística do centro histórico, reforçam a identidade sociocultural dos moradores. E nesse sentido, o turismo enquanto atividade, também cumpre o papel de reafirmar a identidade, bem como a memória local.

Referências

ARAGÃO, Ivan Rêgo. *Cultura, Identidade e Memória: uma análise da relação do turismo com o patrimônio arquitetônico na cidade histórica de São Cristóvão/SE*. 2009. Trabalho de conclusão de curso (Turismo) - Faculdade de Sergipe, Aracaju, 2009.

BAZIN, Germain. *A arquitetura religiosa barroca no Brasil*. Rio de Janeiro: Record, 1956.

BRASIL. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. *Dossiê com a proposição de inscrição da Praça São Francisco em São Cristóvão/SE na lista do patrimônio mundial*. Aracaju: Secretaria do Estado da Infra-Estrutura; IPHAN; Prefeitura Municipal de São Cristóvão, 2007. CD-ROM.

BRASIL. Ministério do Turismo. *Diretrizes para o desenvolvimento do turismo cultural*. Brasília, DF: 2005.

CARVALHO, Eliane Maria Silveira Fonseca. *São Cristóvão e seus monumentos: 400 anos de história*. São Cristóvão: Secretaria de Estadual de Educação, 1989.

DELGADO, Andréa Ferreira. Goiás: a invenção da cidade “patrimônio da humanidade”. *Revista Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 11, n. 23, jan/jun. 2005.

DENCKER, Ada de Freitas Maneti. *Métodos e técnicas de pesquisa em turismo*. 6. ed. São Paulo: Futura, 1998.

DIAS, Reinaldo. *Planejamento do turismo: políticas de desenvolvimento do turismo no Brasil*. São Paulo: Atlas, 2003.

FUNARI, Pedro Paulo; PELEGRINI, Sandra C. A. *Patrimônio histórico e cultural*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

GALVÃO JUNIOR, José Lima. Análise da Evolução Morfológica do Espaço Urbano. In: BRASIL. *Dossiê com a proposição de inscrição da Praça São Francisco em São Cristóvão/SE na lista do patrimônio mundial*. Aracaju: Secretaria do Estado da Infra-Estrutura; IPHAN; Prefeitura Municipal de São Cristóvão, 2007. CD-ROM.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. *A retórica da perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1996.

LE GOFF, Jacques. *Memória e história*. Campinas: UNICAMP, 1990.

LOHMANN, Guilherme; NETTO, Alexandre Panosso. *Teoria do turismo: conceitos, modelos e sistemas*. São Paulo: Aleph, 2008. (Série Turismo).

NORA, Pierre. Entre memória e história. A problemática dos lugares. *Revista Projeto História*, São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, n. 10, 1993.

NUNES, Maria Tétis. A Cidade de São Cristóvão na Formação da História Sergipana: da Colônia a nossos dias. In: BRASIL. *Dossiê com a proposição de inscrição da Praça São Francisco em São Cristóvão/SE na lista do patrimônio mundial*. Aracaju: Secretaria do Estado da Infra-Estrutura, IPHAN, Prefeitura Municipal de São Cristóvão, 2007. CD-ROM.

OMT. *Introdução a metodologia da pesquisa em turismo*. São Paulo: Roca, 2005.

POLACK, Michael. Memória e Identidade Social. *Revista dos Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: FGV/CPDOC, v. 5, n. 10, 1992.

SAMARA, Beatriz Santos; BARROS, José Carlos de. *Pesquisa de Marketing: conceitos e metodologia*. 2. ed. São Paulo: Makron Books, 1997.

SANTOS, Eduardo Batista. dos. A Paisagem e o Homem. In: BRASIL. *Dossiê com a proposição de inscrição da Praça São Francisco em São Cristóvão/SE na lista do patrimônio mundial*. Aracaju: Secretaria do Estado da Infra-Estrutura, IPHAN, Prefeitura Municipal de São Cristóvão, 2007. CD-ROM.

SILVA FILHO, José Thiago da. Memória e cotidiano da Praça São Francisco: tradição, louvor e festa. In: BRASIL. *Dossiê com a proposição de inscrição da Praça São Francisco em São Cristóvão/SE na lista do patrimônio mundial*. Aracaju: Secretaria do Estado da Infra-Estrutura, IPHAN, Prefeitura Municipal de São Cristóvão, 2007. CD-ROM.

SOUTELO, Luís Fernando Ribeiro. O Convento de Santa Cruz e a Igreja Conventual: a presença franciscana. In: BRASIL. *Dossiê com a proposição de inscrição da Praça São Francisco em São Cristóvão/SE na lista do patrimônio mundial*. Aracaju: Secretaria do Estado da Infra-Estrutura, IPHAN, Prefeitura Municipal de São Cristóvão, 2007. CD-ROM.

TELLES, Augusto Silva. São Cristóvão: urbanismo e arquitetura. In: BRASIL. *Dossiê com a proposição de inscrição da Praça São Francisco em São Cristóvão/SE na lista do patrimônio mundial*. Aracaju: Secretaria do Estado da Infra-Estrutura, IPHAN, Prefeitura Municipal de São Cristóvão, 2007. CD-ROM.